

372.24
L 377c

LAURA ROSA



As Crianças

BIBLIOTHECA PUBLICA
do

ESTADO DO MARANHÃO

*Conferencia realizada no salão da
Bibliotheca Publica, a 4 de Dezem-
bro de 1909.*



1909

Imprensa Official

MARANHÃO

(Conferencia)



BIBLIOTHECA PUBLICA
do

ESTADO DO MARANHÃO

O que me traz aqui traria a toda a gente que tem como eu o fraco ou a mania de expandir os seus pensamentos, as suas impressões e as suas opiniões, ora falando, ora escrevendo.

Dir-se-ia que uma força irresistível, impelliu-me para cá; não para falar *de cadeira* como quem sabe, como quem pode... não, isso é que não! Longe de mim tal idéa pretenciosa. Ha nesta terra abençoada, pessoas tão distinctas, tão lidas, tão aquilatadas que têm occupado este logar!

Essas, sim falarão com a conhecida e patenteada autoridade de quem sabe e de quem pode, porque, além de tudo, são ainda illuminadas pelo brilho de uma intelligencia fecunda e cultivada que para mim não pilho. Aqui, onde se têm feito ouvir Antonio

Lobo, o orador dos oradores maranhenses, de quem tive a ventura de ser discipula; Domingos Barbosa, de palavra fluente e brilhantíssima, o successor de Antonio Lobo; Fran Paxeco, o meu estimado professor de Literatura, eloquente orador, filho da gloriosa patria de Camões.

Aqui onde se têm elevado as maviosas notas das inspiradissimas lyras poeticas de Maranhão Sobrinho, o glorioso poeta maranhense de agora, de Corrêa de Araujo, o terno e sentimental cantor apaixonado das loiras e das morenas, o poeta querido; de Vieira da Silva, de versos admiraveis, lyra afinadissima e palavra cativante.

Aqui onde têm falado com proficiencia e mestria moços tão intelligentes, eruditos, estudiosos e distinctos como: Godofredo Vianna, Araujo Costa, Raul Pereira, Antonio Lopes, Luzo Torres, Oscar Barros, Fabiano Vieira e Leonete Oliveira, a meiga e sentimental poetiza que com tanto brilho e sympathia se tem feito querida e admirada entre nós todos, a cantora mimosa de tão lindos versos.

Já se vê pois que, venho aqui falar como quem quer e como quem... ousa !

Fui bastante ousada... mas, se eu assim não fizesse, que seria deste velho adagio muito conhecido: «quem nunca aventurou nunca perdeu nem... ganhou !»

PARA DIANTE É QUE SE ANDA !

Não ha dois mezes, estava eu ainda nos bancos escolares, ouvindo da minha carteira de estudante,

as prelecções dos meus professores, que á força do tempo, da pratica e das investigações se irão accommodando no meu cerebro. E' preciso estudar, estudar, investigar, descortinar sempre para que se vão aca-
mando as idéas sobre os alicerces que me foram arraigados no espirito com as primeiras luzes. Por ora, ainda ha uma certa confusão.

Eis porque tenho a certeza de que serei aqui desculpada pelos mestres e... pelos discipulos !

Ora, metteu-se-me na cabeça conversar, principalmente, com as exm.^{as} sr.^{as} mães de familia, lembrando-lhes algumas coisas da vida pratica e, mesmo, theorica, que muitas talvez, das minhas caras conterraneas, nunca tenham executado, nem mesmo lido ou ouvido, devido ao grande afan de donas de casa a que estão sujeitas neste nosso Brazil.

E para que melhor me faça comprehender resolvi dar-lhes, despretenciosamente, algumas noticias historicas e interessantes dos povos de outr'ora; sim porque dos de hõje já andam, talvez, bem inteiradas.

E posso até affirmar que estão, na maior parte, inclinadas a adoptar os novos costumes com algumas modificações da velha rotina a que muita gente ainda está teimosa e incorrigivel.

Assim dividi esta minha humilde palestra em duas partes:

TRAÇOS HISTORICOS DA EDUCAÇÃO ANTIGA E A CRIANÇA NO LAR.

Tratemos da primeira parte em seus pontos mais interessantes e primitivos:

A educação também tem a sua historia evolutiva e pedagogica. E' no estudo da velha Pedagogia que se a encontra desde o seu empyrio até hoje.

Tem-se aperfeiçoado e progredido atravez dos tempos e das gerações.

Muita gente confunde a *educação* com a *instrucção*.

Ora, aqui estão duas irmans gêmeas que podem, mas não devem actuar separadas, senão até um certo tempo da vida: o 3.º periodo da primeira infancia.

«A educação», dizia o meu oaro mestre de saudosissima memoria, dr. Almir Nina «a educação começa no periodo da gestação, mesmo, antes do nascimento, deve caminhar só até os 7 annos da idade infantil que constituem os primeiros periodos da vida humana; dahi em diante, junte-se-lhe a instrucção e ambas caminhem juntas até a morte».

E o dr. Almir Nina era duas vezes competente para affirmar e fazel-o acreditar; porque era medico, e porque era pedagogo. Era inteiramente dedicado ás crianças e tanto tratava de lhes aperfeiçoar o phisico como o psychico; portanto aperfeiçoava a sociedade e a raça.

E elle não foi somente o sacerdote abnegado de Hyppocrates, o fundador caprichoso e benemerito da Universidade Popular, o pedagogo consciencioso pregador das doutrinas educativas de Platão, de Seneca, de Quintiliano, de Socrates, de Ccmenio, de Trotzen-doff, de Rousseau e de outros tantos educadores, oradores e phylosophos célebres pelos seus discursos e pelas suas obras literarias e scientificas.

O dr. Almir foi, tambem, o preparador incansavel e carinhoso das mães de familia.

Eis porque tratando das crianças, não poderia deixar de lembrar o querido mestre a que tantas vezes ouvi falar dessas flôres de carne cheias de frescura e de perfume, cheias de innocencia.

Vem de Platão a idéa de que a educação começa antes do nascimento.

Esse grande educador e philosopho grego achava que as mães deviam cuidar de si, escrupulosamente, todo o tempo que trouxessem o filhinho ao seio; deviam evitar momentos de ira, maus pensamentos, commoções violentas, más impressões, alimentos e bebidas demaziado fortes e prejudiciaes á saude, etc.; emfim, evitar tudo o que se pudesse reflectir no sêr em gestação.

Era essa a theoria adoptada pelo dr. Almir Nina e é a mesma de hõje.

Isso, nos têm provado os factos que se têm dado e repetido em differentes pontos do globo e, assim, a veracidade dessa theoria philosophica se tem confirmado.

Ora, quantas vezes, aqui e ali, têm os jornaes noticiado que em certos logares, têm algumas mulheres dado a luz a verdadeiros monstros !

Não ha muito tempo, li numa folha aqui da terra que uma mulher, já me não lembra onde, tinha trazido ao mundo um monstro semelhante em tudo a um macaco; e isso explicava ella convencida, foi devido a horas inteiras que passava a divertir-se com as momicas e cabriolas de um simio que tinha em casa.

Outro facto caracteristico e veridico.

Uma senhora londrina, mas, uma formosa inglesa, era cazada com um hespanhol, tambem, de feições correctissimas.

Acontecia, porém, que cada filho que lhes vinha era um verdadeiro typo... de feiura e de mau genio!

A pobre senhora andava seriamente apreensiva com isto e um dia queixou-se ao medico, accrescentando:

Os meus filhos, dr., são as criaturas mais feias e mais geniosas de toda a minha familia e da de meu marido.

(Quando as mães chegam a falar assim, é que a cousa é seria!)

O medico franzio os sobrolhos e perguntou:

E as pessoas que moram na sua casa, minha senhora, são todas bonitas?

A minha criada de quarto é horrorosa, volveu a senhora.

Com effeito a criada grave da casa era horrorosamente feia e a unica suggestionadora da formosa londrina, que cada vez que presentia em si um novo ser, enfurecia-se com a idéa de ser feio.

Não é preciso muita cousa, observou o medico, vou mandar-lhe um remedio e algumas instrucções que a senhora seguirá cautelosamente.

E foi este o medicamento: um grande chromo, finissimo, apresentando duas lindissimas crianças loiras e coradas. A *miss* deveria contemplal-o o maior numero de vezes possivel e conservar-se tranquilla e confiante.

Assim succedeu, e um bello dia, vieram ao mundo duas formosas crianças coradas e rechonchudas.

Os paes exultaram, o medico ufanou-se e os meninos não eram chorões.

No outro anno outra dose... dois !

No anno seguinte... outros dois !

Ah ! mas, desta vez foi o dono da caza que não esteve com mais paciencia : despediu a feia criada e rompeu o bonito chromo ! Mas o que é facto veridico, é que os ultimos filhos foram sempre bonitos e doces, apesar de terem concorrido para o rapido augmento da familia.

Ha, portanto, uma certa influencia suggestiva das impressões maternas sobre o sêr em formação, que se deve educar.

E' isso que muita gente ignorante do vulgo chama *praga rogada ou bruxaria*, não sabendo como expliquem o nascimento de uma criança monstrenga, ou assignalada.

Certa occasião disse-me uma preta velha :

Sinhá dona... branco não acredita... mas minha filha mais moça trouxe uma pasta branca na cabeça porque eu trazia sempre comigo uma pasta de algodão guardada no bolso... foi praga que me rogaram numa sexta-feira !

Não discordo da primeira hypothese da velha, pode muito bem ter sido uma forte mania que a tivesse acompanhado em todo o periodo, mas... praga... pobre velha.

E assim ficaram explicadas, mais ou menos, as anormalidades deste genero.

Aristoteles, o célebre educador de Alexandre o Grande, diz que a educação é um processo que abraça todos os periodos da formação humana.

Seneca quer que na educação exista coherencia e harmonia entre os meios e os fins e que a criança não deve ser, frequentemente, humilhada, quer como filho, quer como alumno. Adopta em parte as theorias de Platão.

Divide-se a educação em duas partes distinctas: educação particular ou educação na familia, e educação publica ou educação social e escolar.

Reunindo porém as duas, temos a seguinte definição pedagogica:

«Educação é um facto de solidariedade natural e necessaria pelo qual o homem, no periodo do seu desenvolvimento, se aperfeiçoa e se completa, de accordo com a expontaneidade de sua natureza, com o meio em que vive; e pela acção directa do adulto sobre a criança, tendo em vista os ideaes de um povo, a humanidade e a sua propria personalidade e vocação». Eis porque a vida humana tambem é dividida em periodos: 1.º antes do nascimento; 2.º do nascimento aos 3 annos; (são estes os verdadeiros periodos da puericultura), 3.º dos 3 annos aos 7. (É este o primeiro periodo pedagogico, o periodo preescolar e o da meninice) 4.º dos 7 aos 14; periodos da adolescencia, tambem escolar e pedagogico; 5.º dos 14 aos 20. É o periodo da juventude; e dahi para diante a educação é toda de pratica e de experiencias até á morte.

Tendo já tratado aqui do 1.º periodo da existencia antes do nascimento—deixarei os 2.º, 3.º e 4.º para a segunda parte da minha palestra.

Peço-lhes, agora, permittam que lhes dê, despretenciosamente, uns ligeiros traços historicos da

educação infantil e adolescente nas éras primitivas. E' na Pedagogia que se encontra a historia minuciosa da educação, desde o seu empyrio até os nossos dias. (Pedagogia é a sciencia da educação ou, segundo alguns pedagogistas, a arte de educar; e em se tratando aqui da educação forçoso é tocar-lhe, pelo menos, no nome).

Não me occuparei da educação moderna porque seria falar, então, uma noite inteira. Occupar-me-ei, apenas, muito ligeiramente, da educação original e interessante adoptada entre os povos mais antigos, notaveis pelos seus habitos, suas tradições e civilisação conforme colhi nas prelecções pedagogicas feitas nas aulas pelos illustres professores drs. Antonio B. de Godois e Almir Nina, estudadas por elles essas noções pedagogicas nos livros de Dominice e outros celebres autores pedagogistas.

Fazendo isto tenho somente em vista mostrar ás sr.^{as} mães de familia o que já foi a educação e o que deve ser.

Comecemos pela China.

Os chinezes são caracterisados, ainda hoje, por uma absoluta uniformidade maquinal, formal e rotineira. A educação ali não consiste em desenvolver, sim em communicar.

Tanto na familia como na escola foi e é o principal, fazer a criança adquirir uma habilidade mechanica, tradicional e segura, desde a mais tenra idade. Nada de liberdade nem de elevação.

Os mestres eram e continuam semelhantes aos jesuitas do Oriente, se bem que sejam os chinezes, civilisados de tempos immemoriaes.

Os paes agem, como sempre, por uma maneira moral e profunda. A vida tem sido sempre ali um ceremonial seguido á risca.

Desde os tempos mais remotos até agora, só têm apparecido na China dois reformadores da educação familiar, escolar e social:

Lao-tsée e Cong-tsée. O primeiro foi um espirito de liberdade, de progresso e de idéas novas; não foi porém attendido.

O segundo celebrisou-se sob o nome de Confucius, teve, segundo a tradição, mais de tres mil discipulos, triumphou sobre suas idéas de pratica, moralidade e utilidade, baseada na autoridade do Estado e da familia, como sobre o interesse individual.

Este foi ouvido e consagrado.

Tanto na familia, porém, como na escola, como na sociedade, a educação é exterior, superficial e opprimida. Pode-se concluir, portanto, que a educação de hoje ali, geralmente falando, é a mesma de outras éras longinquas.

Creio, porém, que tende a evoluir porque a China já vae despertando do seu torpor, já vae abrindo as portas ás idéas novas da instrucção.

Passemos á educação do Oriente, *educação dos Hindús.*

Esse povo caracteriza-se, ainda hõje, pelo espirito de casta, pelo socialismo e pelo pantheismo, se bem que em alguma coisa já, um tanto modificado para mais hodierno.

O que ali determina o destino da vida e o socialismo não é a escolha livre, é o nascimento; são as classes hereditarias constituídas pelas castas indianas.

Vive esse povo cercado de mysterios e ficções immerso numa crença inabalavel e aparatosa, numa religião imperiosa e absoluta que constitue para o sêr, desde o seu principio primitivo um unico idéal da educação séria e aprimorada do hindú. Ensina-se a criança a abandonar todos os pensamentos terrestres, a fundir-se desde esta vida até a outra, a preparar a vida inteira para comparecer purificado diante de um Deus que em tudo se manifesta, e conserva limpidos, crystallinos e purificados o Ganges e o Himalaya.

O homem nascia escravo e, por sua condição social, só aprendia a rotina dos seus antepassados e a dependencia mysteriosa de um sêr divino e omnipotente que lhe absorvia todas as actividades psychicas, não deixando á vida real senão a materia, a illusoria apparencia.

Só era dado aos padres e aos brahmanes a aprendizagem da logica, da rethorica e da mathematica, quanto a instrucção superior.

Quanto a instrucção primaria, ou era ministrada na familia, a par da sonambulesca e absurda educação, ou ao ar livre, á sombra das arvores, ou pelos brahmanes, sob tendas, em casos de tempo carrancudo.

Lentamente, porém, tem esse povo caminhado, e a educação espiritual já não é ali tão cheia de mythos; a criança hyndú já tem alguma liberdade de enxergar mais adeante o real, o homem já não é tão escravizado, e a mulher já tem o titulo de mãe de familia, já tem acção no lar, o que lhe não era dado.

OS PHENICIOS:

Povo industrial e essencialmente commerciante, estabelecido entre o monte Libano e o Mediterraneo, descendente de Chanaan, famoso pela arte de tingir purpura, fabricar vidro, trabalhar, maravilhosamente, em metaes preciosos, famoso pelas suas perigosas e arriscadas viagens, misturava a educação á instrucção desde que a criança começava a compreender com firmeza.

Em casa, as mães contavam-lhes gloriosas aventuras maritimas dos seus antepassados, conquistas de fabulosas riquezas; os paes ensinavam-lhes a jogar as armas, a ler, a calcular e a escrever. Aos 12 annos começavam a cortar, ousadamente, as ondas bravias dos mares encapelados, senhores dos seus barcos e da sua coragem.

Hoje, depois de ter a Phenicia passado sob os dominios dos babilonios, dos persas, dos macedonios, dos syrios, dos romanos, e dos arabes, faz parte da Turquia Asiatica, com outros costumes e outras theorias de educação, tendentes a um demorado progresso.

EDUCAÇÃO DOS ISRAELITAS:

E' um povo sem patria, sem governo, sem chefe, que 1800 annos depois de apossado do seu territorio promettido, se tem dispersado e confundido com outros povos sem, comtudo, abandonar sua fé, seus habitos e sua energia educativa.

São os israelitas, de temperamento tenaz, espirito activo, e religião unica.

É o rigor da sua educação, quer particular, quer social ou geral, é attribuido dizem, unicamente, aos principios religiosos que lhes foram transmittidos, tradicionalmente, pelos hebreus primitivos, seus antepassados.

A educação hebréa consistia em moralisar o lar pela palavra e pelos exemplos para que a criança aprendesse vendo, ouvindo, observando e imitando, como é natural.

A criança devia aprender, principalmente, a virtude, a piedade humana e as leis de Jehovah.

O lar era a escola moral, social e instructiva.

A menina aprendia a coser, tecer, cantar e... fazer o bife; o menino a ler e escrever. Nada de liberdade de acção.

Foi evoluindo, porém, a educação israelita e foi adoptando novos idéaes.

Em 64, o padre Josué Bem Guamala impoz áquella gente a reforma educativa e instructiva; e, assim, temendo a excomunhão do padre, começaram a manter escolas de instrucção e a aprimorar a educação psychica.

Foi criada, então, uma escola em cada cidade, cada escola com 25 alumnos para cada mestre.

Devia ser ministrada em casa a educação moral pelos parentes mais velhos e respeitaveis; o mestre-escola devia ser casado, tambem avançado em idade e considerado experiente na vida.

Diziam elles :

«Quem aprende com professores jovens mastiga uvas verdes e o vinho velho, o melhor de beber, é feito

de uvas maduras». «As crianças devem ser punidas com uma das mãos e acariciadas com as duas».

Mas, esse povo, depois de 1800 annos de nacionalisados, dispersou-se pelo mundo, perdeu os carinhos da mãe patria e hoje vive sem bandeira patriótica, sem chefe, confundido com outras nações e outros costumes, tendo apenas, como consolo, o espirito de nacionalidade (capricho de conservar as suas tradições e os seus habitos) a lembrança de um feliz passado e a esperança num Messias, que, segundo a sua crença, um dia virá reunil-os num abençoado territorio onde cairá de novo o *maná* e brotará de outro rochêdo a agua crystallina.

Falemos agora da Persia cujas tradições educativas são bem interessantes, tambem.

EDUCAÇÃO PERSA :

Logo que nascia a criança era purificada com banhos, em seguida era-lhe determinado o destino por um astrónomo que lhe escolhia o nome.

Quando o pequeno completava tres annos de nascido os religiosos paes offereciam um sacrificio á Mithra.

Até os 5 annos a criança não era culpada dos seus actos; recaia tudo sobre os paes. Dos 5 annos em diante começavam a guial-a sobre o bem e afastal-a do mal, attendendo-lhe sempre á constituição physica.

Dos 8 annos em diante não se castigava mais o pequeno, senão por motivos, absolutamente, imperio-

sos e extraordinarios. Ahi começava a responsabilidade da criança.

Devia obediencia absoluta aos paes e aquelle que recusasse tres vezes a obedecer-os era digno de morte. Quanto aos mestres, deviam ser ainda mais respeitados que os paes, attendendo que esses tinham por missão illuminar-lhes o espirito.

Sobre assumpto religioso foram adoptados entre os persas os principios dos Medos que tranziram, ultimamente entre a Asia e a Europa.

São de Xenophonte as descripções seguintes:

«As leis dos persas, diz elle, estabelecem a educação moral dos cidadãos.

Um logar longe do bulicio e cercado de edificios publicos era o ponto das reuniões escolares dos persas.

Este logar era dividido em 4 partes destinadas: aos rapazes de 6 a 16 annos, aos jovens de 16 a 26, aos homens de 26 a 50 e aos velhos.

Todas as manhans os rapazes e os homens ahi se reuniam antes do nascer do dia. Os moços, excepto os paes de familia, dormiam todos armados para a guarda. Os velhos podiam vir ás reuniões ou deixar de vir.

Era tudo dividido em secções, cada secção com seu chefe. Os chefes dos rapazes eram escolhidos entre os velhos que tinham melhores filhos.

Para os moços havia exercicios de atirar ao arco, lançar o dardo e montar a cavallo.

Os mestres das secções consagravam uma parte do dia a julgar os delictos commettidos, taes como furtos, maledicencias, mentiras, etc. Os rapazes mais

velhos eram os responsaveis pelos crimes dos mais moços, havendo justiça no julgamento.

Era uma escola pratica do direito e do dever. Era este o seu lemma :

Veracidade, sobriedade, imperio sobre si mesmo e obediencia absoluta aos seus superiores.

Os mocinhos deviam estar sempre á disposição dos seus superiores para fazerem tudo o que reclamasse o bem publico.

Quando o rei ia a caça levava comsigo grande parte das crianças, afim de disciplinal-as; e era esta a disciplina: supportar a fome, o frio, a sêde e as fadigas de toda a especie.

Os que não iam ficavam atirando ao arco, exercitando a carreira e dando caça aos ladrões e malfeitores.

—Pobres crianças !

Os homens feitos faziam o serviço militar e os velhos eram juizes e administradores.

As mulheres não faziam parte de cousa alguma e só educavam as meninas, como o faziam as mães do Oriente.

—Na realidade, Xenophonte descreveu tudo isto com tanta poesia, com tanto enfeite que se esqueceu, naturalmente, que um povo necessita de commercio, de lavoura e de industria.

Que foi da agricultura ?

Não vou lá muito com isso.

Passar um povo a vida inteira, numa praça publica, mandando as suas crianças á caça supportar tantos rigores...

Ah ! Que felizes homens !... Que infelizes crianças !

Pobre Persia ! Não lhe serviu de nada tanto aparato poetico; passou por tantos dominios, foi tão desbaratada nos campos de Marathona, perdeu quasi tudo nas celebres guerras *medicas* que tanto glorificaram a Grecia, e foi, depois de lutas terriveis, fazer parte do grande e poderoso imperio de Alexandre.

Mas deixemos os persas com Xenophonte e os seus floreios educativos, e passemos á Grecia.

EDUCAÇÃO EM SPARTA E ATHENAS :

Foram estas as regiões gregas que mais aprimoraram a educação, mas, em sentido differente. Em Athenas, a educação era completamente intellectual; em Sparta, completamente physica. Na primeira, a educação era feita em familia, na segunda, feita pelo governo.

Emquanto Athenas cultivava o espirito, Sparta cultivava o physico; aquella preparava oradores, philosophos, scientistas, sabios eminentes, esta ultima, disciplinava fortes e vigorosos soldados, lutadores briosos, de musculatura de ferro e peitos amplos desenvolvidos pela gymnastica, instituida pelo célebre Lycurgo.

Emquanto Athenas espalhava suas theorias scientificas, suas lettras cultivadas e brilhantes, seus maravilhosos trabalhos de arte; espalhavam os spartanos suas conquistas por terra e mar, seus gloriosos feitos bellicos.

Foi em Athenas que se originou a palavra—Pedagogia.

Chamava-se pedagogo o aio que costumava levar as crianças ás escolas, e com ellas lá ficava vigiando-as e ouvindo as lições. A força de irem todos os dias ali, acabavam osaios por aprender, e, finalmente passavam a preceptores das crianças; e á essa aprendizagem deu-se o nome de Pedagogia.

Ao educador atheniense chamavam de—grammaticista e ao de Sparta—pedrotiba.

As mães de familia atheniense tomavam os filhos ao seu cargo desde o nascimento até os 14 annos e lhes ensinavam a dança, a comedia, a musica, a tragedia e a poesia.

Dos 14 em diante eram os paes que ensinavam a historia, a epopéa, gymnastica, mathematicas, geographia, philosophia e rethorica.

As mães, porém, eram auxiliadas pelos pedagogos, pelos oradores ao ar livre e pelas escolas do dialecto pagas e sustentadas pelas familias.

As mães spartanas tomavam a criança até aos 7 annos ensinando-lhe gymnastica e canto. Aos 7 annos, porém, era entregue ao governo pelos paes. As mães athenienses preparavam os filhos para a patria; as spartanas incumbiam a patria de preparal-os para si.

Fundiu-se, porém, a Grecia com a poderosa Roma, esta impoz-se pelas armas, aquella pelas letras; e uma vez reunidas as duas nações fundiram-se, resultando dessa fusão tres grandes escolas educativas:

O lar domestico, o Campo de Marte e o Forum; e aqui terminou a educação grega.

Eis o que pude expor em ligeiros traços sobre o historico da educação antiga entre os povos mais civilisados de outras éras.

Foi o Oriente o berço da civilisação e da educação domestica.

E a reunião desses antigos e originaes costumes, o conjuncto das disciplinas tradicionaes dos povos remotos constituem o que se chama o empyrio, o começo da educação. Ella tem caminhado atravez dos seculos, tem estendido suas bemfeitoras azas pelo universo inteiro. Se bem que se estendesse vagarosamente no periodo da idade media, evoluiu, porém com a Renascença e tem progredido até agora, mesmo opprimida em alguns paizes, mesmo sendo repellidos os seus novos ideaes em algumas regiões.

Um chefe de nação, dizia Platão, deve estudar o character do seu povo antes de procurar dominal-o; e não é a instrucção que faz o character, é a educação domestica, são os paes.

Deixo, agora, a cada um a liberdade de comparação entre o antigo e o moderno e a opinião sobre as velhas e novas theorias.

Posso, porém, affirmar as minhas caras conterraneas que ainda ha muita gente por aqui e por ali, que se não conformou com a educação de hoje, importada dos paizes mais adeantados, florescentes e cultos.

Por isso, tendo eu tratado do 1.º periodo da existencia humana--antes do nascimento, deixei os tres seguintes mencionados para a segunda parte da minha palestra, afim de applicar-lhes algumas noções modernas.

Passemos á 2.ª parte:

A CRIANÇA NO LAR :

A criança é o symbolo da alegria e da innocencia, a flôr perfumada e casta que desabrocha no seio maternal.

Imaginemol-a no regaço materno, sugando avidamente com os labios roseos e perfumados o leite da sua progenitora; como é risonha e adoravel entre as faixas singellas ou rendilhadas, cheirando á alfazema !

E' dahi que começa a arte de criar ! Sim, criar e educar filhos é uma arte e das mais difficeis e de maior responsabilidade. Começa pela amamentação.

E' muitas vezes no leite materno que as pobres criancinhas adquirem certas molestias, se bem que passageiras algumas, outras porém, fataes, ou prejudiciaes, ao desenvolvimento desses delicados seres. Compete á mamãe alimentar-se escrupulosamente lembrando-se, constantemente que daquillo que ingerir irá uma parte no seu leite para o pequeno.

Ora bem. Organizem as mães cuidadosas, em primeiro logar, um horario methodico para o seu alimento e a amamentação do petiz, de accordo com o seu medico, a sua perspicacia e a sua experiencia, sacrificando a gula todo o tempo do aleitamento.

Para que o leite humano seja puro e são é necessario que as mães sejam fortes, sadias e escrupulosas e se não o forem façam por sel-o. Ou, então, aleitem o pequenito com o saboroso leite vaccum ou caprino, mas animaes cuidadosamente raçoados, ou, mesmo, com um fresco leite condensado; mas, com esse é preciso dobrado cuidado !

Uma vaquinha nedia e leiteira, conduzida á porta e o seu leite mungido ás vistas das mães dos pequenos não seria de todo impossivel.

Ha outro meio de certificado: verificar todos os dias, por meio do peza-leite, se o liquido está puro ou *baptizado*.

Chamar amas de leite é o peor dos erros ! Que perigo, minhas senhoras, que falta ! Em tempo algum lembrem-se disso !

Uma ama de leite... quem será essa mulher ? Quem sabe ? Conductora talvez, da Tuberculose ou da Tisica, da Lymphatite ou de outras molestias hereditarias ou transmissiveis.

Pobres criancinhas ! «*Tactica de guerra*» senhoras mães «*tactica de guerra*» como diz o outro ! Guerreai contra as impurezas as bacterias envenenadas que se possam introduzir nesses tenros organismos !

Uma ama de leite... de que terão morrido seus paes, que molestias terá ella encubadas, que especie de microbios terá herdado ? Ninguem o sabe. E' verdade que em tudo ha excepção de regra, ha de haver algumas sadias, mas... quaes serão ?

As proprias mães devem cortar logo a amamentação se pressentirem em si alguma molestia má, contagiosa ou transmissivel a minar-lhe o organismo; pode ser que seja ainda em tempo, pode ser que estacione o que já trouxe a criança.

Outra coisa prejudicial: dar pipos de borracha aos pequerruchos, mas pipos sem outra cousa a chupar senão ar.

Uma occasião perguntei a uma senhora porque

dava pipos aos seus pequenos que eram tão bons a principio e depois se tornavam manhosos.

—É porque choram muito e me não deixam fazer outra coisa senão aleital-os. Essa queria trabalhar...

Não retorqui... *«cada cabeça, cada sentença»* !

Eis, porém, o caso deslindado: experimentai nunca dar á criança o tal pipo, nem mesmo por brincadeira, porque as crianças levam tudo a bocca; dai-lhes antes um maracá; um chocalho ou outro qualquer brinquedo adequado a sua idade, mas o pipo... nem para vel-o ! Vereis a differença.

Outra occasião não me pude conter vendo um pequenito muito risonho, muito accomodadinho no seu berço todo perfumado, todo cheio de bambinelas; dahi a pouco vem a mamãe e introduz-lhe na boquinha cheia de risos um maldicto pipo amarrado por uma larga e comprida fita.

—Não faça isso minha senhora !

É para elle não chorar, respondeu-me.

—Mas, se... elle está calado...

Mas, pode chorar, retorquiu-me.

Essa não queria que o pequeno chorasse, nem por sombras !

De outra feita, (desta vez não falei cousa alguma, não) disse-me uma outra senhora:

Vou comprar um pipo para o meu pequeno, elle é tão bonsinho, tão calado, coitadinho...

Então... para que o pipo, perguntei.

—Porque acho bonito.

Essa... achava bonito ! Ora esta !

Ficam as crianças birrentas, gulosas, choronas

e, simplesmente, enjoadas, não contando as outras manhas, que muito naturalmente, toda a criança adquire.

Além de tudo o ar absorvido vai encher de gases desnecessarios o organismo e fazer com que muitas vezes o pobre anjinho, grite, sue e torça-se horas inteiras atacado por uma dôr violenta que todas as mães já conhecem.

A força de ser chupado o tal pipo, acaba por romper-se e dar franca passagem ao ar. Mas... acham bonito...

Outra cousa imperdoavel: pôr deante da vista dos pequerruchos, tiras de panno ou papel vivamente coloridos.

E' um mal extraordinario !

E' para entretel-as, dizem muitas mães. Sim, mas a unica prejudicada é a criança.

Paciencia, senhoras mães, paciencia ! Ou bem que se é mãe, ou bem que se não é !

As crianças choram muito ? Mandai-as passear, mandai distrahil-as por outra forma; mostrai-lhes os passaros alegres que enchem o espaço com seus vôos, com seus trinados, mostrai-lhes as côres da natureza, da natureza que já é tão brilhante e tão variada; o firmamento é tão azul, o mar é tão verde, as flôres são tão matizadas ! Ha tanta luz no sol ! Vereis como se extasiarão seus olhos intelligentes e avidos, como se lhe encherá a boquinha de risos; ellas gargantearão como os passarinhos, em contrações automaticas ameudadas pelo contentamento. Uma borbolêta que volite, um som que se faça ouvir, uma sombra que passe, tudo isto entretém um pequenito.

Dar-lhes a vêr côres fixas far-lhes-à mal as retinas, atrophiando-as, porque são ainda muito tenras.

Muitas e muitas vezes não é de nascença um estrabismo, é provocado por esse pessimo habito que têm muitas mães, e, se o não fazem, consentem que outros façam. E as mães, só as mães são as vigilantes incansaveis que tem por si as crianças e quando não tenham mães aquelles que as criam, o façam com dobrada responsabilidade.

O leito do petiz deve ser fôfo, macio e renovado a cada instante, sem um ponto duro ou humido. Embalar crianças ao collo é encher-as de manha. Deixai-as embalar nos seus proprios berços ou nas suas redinhas higienicas de fio, como o manda o nosso clima.

Habituai-as a dormir, assim, ninadas por uma canção em surdina, meiga, suave; dessas que só as mães sabem entoar em dulçuroso canto, cuja ternura evolada, só os pequenitos sabem ouvir e compreender, com os olhos semi-cerrados e os labios còr de rosa entreabertos num sorriso innocente e anjelico.

Quantas mães não tenho ouvido nessa dôce cantarola cheia de harmonia, cheia de carinhos, cheia de amor, mas, amor grande e incomparavel !

Quantas não tenho visto, debruçadas á borda do berço, o precioso sacrario, a cobrir de manso o pequenito com os lençoesinhos alvos, receando acordal-o, e a cobril-o, tambem, com um olhar dôce, prenhe de ternuras e de esperanças; esse olhar que procura antever o futuro do ser idolatrado.

E ao cerrarem o cortinado e se afastarem parecelhes, até, que um formoso anjo loiro, vindo não sei

de onde, lá ficou junto do leito, abrindo sobre petiz o adormecido, duas grandes azas brancas.

Conheço, porém, uma senhora muito distincta, muito sympathica, mãe de cinco crianças muito galantes que tem tido a felicidade de habituar os seus pequenos a ninarem-se a si proprios.

Cada um tem a sua cadeira de balanço e á noite quando querem dormir, cada qual toma a sua cadeira, pequena ou grande, embala-se, e dahi a pouco estão todas a dormir um somno abençoado. Agora, toca a deitar todos cinco.

Isto tambem não é mau... é até muito bom e aproveitavel; dirão alguns: mas, se forem vinte as crianças serão necessarias vinte cadeiras !

Não, porque os petizes irão crescendo e deixando taes berços aos menores.

Todo o cuidado na roupinha dos pequeninos é pouco; sempre lavada e escaldada, sempre passada a ferro para que sejam mortos os microbios que lhe possam vir, sempre perfumada, subtilmente, para que se reuna o util ao agradável.

As crianças devem dormir nos aposentos de suas mães enquanto tenras; passado, porém, o periodo da primeira infancia--do nascimento aos 3 annos--devem ter os seus aposentos escrupulosamente preparados e junto aos de suas mães, para que melhor se faça exercer a vigilancia destas.

Cada petiz no seu leito que deve ser refeito e afofado diariamente, renovadas as roupas de tres em tres dias, ordinariamente, aquecido ao sol, lavado ou envernizado tres vezes por mez.

O quarto-dormitorio—deve ser arejado o mais

possível durante o dia, as janellas devem ser rasgadas para um pomar ou sitio arborisado, para que se purifique o oxigenio e deve ter pelo menos duas portas para que a correnteza do ar se faça com facilidade, segurança e regularidade.

As paredes desse aposento devem ser claras e brancas toda a roupa de cama e de todo o uso infantil durante a noite.

Não deve haver ali agglomeração de trastes, de roupas, de *bibclots* e de quinquilherias. E' preciso que o ar circule sem embaraços e que não haja cama para o pó que vier de fóra.

Desinfecção, pelo menos, duas vezes por mez.

E' natural nas crianças acordar cedo, deixai-as acordar. Vesti-lhes roupas leves, dai-lhes leite e mandai-as correr e brincar ao ar livre, isto desenvolve e anima; deixai-as gritar, saltar, correr. Isto de mandar carregar crianças ao collo para não cairem é cá uma historia ! As crianças caem sempre.

Quando voltarem do passeio matutino, após meia hora, mandai banhal-as e alimental-as, convenientemente, e deixai-as continuar em liberdade dentro de casa. Dai-lhes uma leve refeição entre o almoço e o jantar e a tarde, depois do jantar, vesti-as de novo com roupas leves, se não fizer mau tempo, e mandai-as passear ao ar livre, correr e brincar.

Não devem fazer nunca como uma senhora, muito minha amiga e, aliás, muito bôa senhora, uma bella alma, mas... não sabe criar crianças.

E' desveladissima pelos filhos, é desvelada de mais ! E' horrorosa !

Ella tem a ventura de ser protegida, até pela na-

tureza. Nascem-lhe sempre umas galantes crianças, fortes, coradas e vivas. Mas a bôa senhora se não contenta com isso.

Sem exagero ! Veste tres, quatro camisas aos pequenos, e se é inverno, mais uma; calça-lhes duas meias em cada perna, fal-os dormir num quarto cheio, hermetica, mas, hermeticamente fechado ! Banhos frios... uma vez por semestre... palavra de honra !

E' um suar em bicas ! Muda-se a roupa ás crianças duas, tres, quatro vezes durante a noite e durante o dia e ellas estão sempre doentes, sempre mezinhas !

Ao cabo de algum tempo estão os pequenos, pallidos, magros, fanados, tristes e bisonhos. Andam tarde, caem a cada passo, porque vivem suspensos ao collo. Nada de carreiras, nem de passeios.

E no entanto é uma criatura bondosa, essa minha amiga, é, até, minha aparentada. Mas, não lhe perdôo o abafamento dos filhos... ora, empacotar as crianças ! Que horror !

As mães têm por dever preparar na criança, o physico e o moral; cultivar-lhe o corpo e o espirito. Ser mãe não é só amamentar e criar, não.

Cumpre-lhe auxiliar a natureza, preparar um organismo são, forte e vigoroso para que se fortaleça o espirito, se robusteça a intelligencia, a coragem e a idéa.

Outro erro: obrigarem as crianças a susterem-se de pé, mal tenham completado um mez de nascidas.

E' por isso que ha por ahi muitas pernas cambaias. Nessa idade os ossos estão flexiveis, moles e tomam a forma que se lhes quizer dar.

Dar vinho com agua às criancinhas recém-nascidas é simplesmente condemnavel. Dizia o grande Aristoteles:

Em vez de agua com vinho e assucar, dai às criancinhas, leite com agua e assucar, pois isso vai prejudicar o cérebro.

No 3.º periodo da infancia, porém—dos 3 aos 7 annos—a criança começa a entender, a querer e a sentir emoções internas. Já se não contenta só em observar e tocar, quer saber o que é, como se chama e para que serve !

E ahí é que são ellas ! Pergunta tudo e se não satisfaz só com tres nem quatro perguntas de cada vez, são duzentas e quarenta e nove mil ! Começa a attender as cousas e opinar sobre ellas.

E' que esse pedaço de materia, esse conjunto de órgãos, movidos até agora automaticamente e desenvolvidos pela natureza impotente e criadora, comecem a agir sobre si mesmos, impellidos por uma força extranha e invisivel, que é a mesma que acompanha o homem por toda a peregrinação da existencia e que, segundo muitos, vae além da vida; a criança sente alguma coisa nova: *

E' a alma !

E' a alma que desperta, e com ella começa a vislumbrar a consciencia da *personalidade*.

E' o espirito que desabrocha puro e branco, como o lirio immaculado e casto que desata as primeiras petalas, debruçado a margem de crystallino lago, como a aurora que desponta numa apothese de luzes e de flôres !

Cuidado, mães carinhosas, dobrado desvelo agora !

Já se não trata somente do physico, trata-se tambem do psychico, do moral.

A criança agora é um espectador mais attento, mais exigente e mais perigoso.

Agora é o character que se vae formar, que se vae amoldar é nessa idade que tudo fica indelevel na memoria, gravado para a vida inteira.

E' preciso que os paes estejam preparados a satisfazer todas as perguntas dos marôtos que, muitas vezes engasgam a gente; é um povinho... perigoso !

As mães podem, perfeitamente, ensinar os pequenitos a compreenderem, a falarem, a não pedirem tudo o que vêm e a respeitarem os mais velhos.

Ora ha certas mães que, sem força moral nenhuma, dizem dos seus pequenos, quando alguém lhes faz queixa das suas insolencias: *ora... são crianças...*

Ou então, de quando em vez, dizem molemente: *tem modo, menino !*

Se, porém, o vizinho vem lhes fazer queixa de que os meninos lhe quebraram a cabeça do filho, dizem num portuguez assassinado:

Deixa-te estar que eu conto p'ra *seu Zé* quando elle chegá !

Seu Zé é o marido.

Chega o *seu Zé*, conversa, janta e vae lèr os jornaes do dia.

O pequeno mais velho ainda tenta contar a historia, porque não entrou na pandega; a mamãe promette-lhe, porém, um fato novo—assim papae se vae aborrecer depois do jantar—e... fica por isso; os meninos continuam.

Pancada, também não, isso é desnecessário. Repreendi a criança com brandura, contrariai-a nos casos mais exigentes, contai-lhe histórias de bons meninos, mas... castigos corporaes, nunca.

Pancada não educa, desbria; isso já caiu, Aristoteles foi o primeiro que protestou contra os castigos corporaes e eu concordo com o grande philosopho, e como eu, creio que muita gente.

Cuidai, mães sollicitas, cuidai do moral, como cuidastes do physico, nem um minuto de desleixo.

Compete às mães derramarem, no character em formação, tudo o que tiverem comsigo de bom, de sublime, de grandioso e de altruistico. E' a mulher que faz o cidadão, é o cidadão que faz a patria.

O character forma-se no lar, aperfeiçoa-se na escola e eleva-se na sociedade; e para que a sociedade seja educada é necessario que os caracteres elevados lhe sirvam de base.

Desde os povos primitivos começaram as mães a formar os cidadãos.

Aos 7 annos a criança deve tomar os livros e caminhar para a escola, onde o mestre lhe vae illuminar a intelligencia, desenvolvê-la, dar-lhe a beber idéas novas, burilar-lhe o pensamento, cultivar-lhe o entendimento. Mas, aquillo que se chama o *eu* ah! Esse já vem do lar, já vem formado de casa.

O lar é um theatro, diario, em que a familia deve representar, exemplarmente o seu papel educador, tendo em vista que os espectadores—as crianças imitam, repetem e gravam tudo o que vêem e o que ouvem.

Quatorze annos, agora os 14 annos !

Eis a idade em que os paes entram em acção, se se trata de um menino; mas se for de menina... fóra ! Só entrarão em scena quando houver namoro grosso ou cheiro de casamento; compete á progenitora educal-a, mas dar-lhe uma educação elevada e superior instrucção.

Ceguei, finalmente, ao 4.º e ultimo periodo da infancia; dagora em diante serão: a adolescencia risonha, a juventude esperançosa, e brilhante e a velhice saudosa e avesinhada do tumulto.

Nada, porém, tenho que ver aqui com tudo isso; só a infancia, só as crianças me fizeram escrever hoje esta palestra, só.

Crianças ! Notas alegres em toda parte e em toda a occasião ! Sêres privilegiados e irrequietenos como as borboletas ! Ellas illuminam os corações dos velhos, enchem a casa de venturas, de risos, de alegria, de esperanças.

Uma casa sem crianças... que tristeza, falta-lhe a vida; é como um grande viveiro vazio, como um grande dezerto !

Isto me faz lembrar, agora, uma historieta que li ha poucos dias no «Estudio del niño», livro da *Bibliotheca del Maestro*, de Taylor; e uma poesia de Victor Hugo—«Lorsque l'enfant parait».

A historieta :

Duas amigas de infancia cazaram-se; uma principescamente, outra com um pobre mancebo trabalhador. Após dois annos, a pobre foi visitar a rica que a recebeu franca e amavel como outrora.

De braços dados, correram ambas o palacio, maravilhosamente luxuoso. Ao fim da visita, porém, notou a ricassa que nada daquillo havia impressionado a amiga. Inqueriu o motivo.

E' que, respondeu a outra, possuo uma joia, mas, uma preciosissima joia de valor inestimavel, incalculavel, mesmo, que não trocarei por todas as tuas maravilhas. Podes ir vel-a.

No dia immediato a ricassa, curiosa e franca, foi pagar a visita.

Casa pobre, paredes alvas e nuas, mas tudo em ordem e respirando felicidade.

Abriu-se a porta da modesta sala, e uma rapariga forte e risonha entrou com uma criança ao collo.

Era a outra amiga.

Eis a minha riquissima joia, disse entregando a criança á visitante. A pequenita muito gorda, muito loira, muito fresca, muito galante, estendeu os bracinhos alvos e atirou-se com uma risadinha franca. A moça recebeu-a, beijou-a, acariciou-a e em meio de tudo encheram-se-lhe os olhos de lagrimas.

E' verdade, disse, esta joia é incomparavel; és mais, mais feliz do que eu, minha cara amiga».

A poesia de Victor Hugo:

LORSQUE L'ENFANT PARAÎT.

(Victor Hugo)

Lorsque l'enfant paraît, le cerle de famille
Applaudit à grands cris; son doux regard qui brille
Fait briller tous les yeux,

Et les plus tristes fronts, les plus souillés peut-être,
Se dérident soudain à voir l'enfant paraître,
Innocent et joyeux.

Soit que juin ait verdi mon seuil ou que novembre
Fasse autour d'un grand feu vacillant dans la chambre
Les chaises se toucher,
Quand l'enfant vient, la joie arrive et nous éclaire.
On rit, on se récrie, on l'appelle, et sa mère
Tremble à le voir marcher.

Quelquefois nous parlons, en remuant la flamme,
De patrie et de Dieu, des poètes, de l'âme
Qui s'élève en priant;
L'enfant paraît, adieu le ciel et la patrie
Et les poètes saints ! la grave causerie
S'arrête en souriant.

Il est si beau, l'enfant avec son doux sourire,
Sa douce bonne foi, sa voix qui veut tout dire,
Ses pleurs vite apaisés,
Laissant errer sa vue étonnée et ravie,
Offrant de toutes parts sa jeune âme à la vie
Et sa bouche aux baisers !

Seigneur ! préservez-moi, préservez ceux que j'aime,
Frères, parents, amis, et mes ennemis même
Dans le mal triomphants,
De jamais voir, Seigneur, l'été sans fleurs vermeilles,
La cage sans oiseaux, la ruche sans abeilles,
La maison sans enfants !

Esta poesia foi por mim vertida do francez para o portuguez em uma occasião em que o dr. Almir Nina, meu querido lente, disse-me em aula :

Traga-me essa poesia traduzida em verso ! Era uma ordem...

Que havia eu de fazer ?

Fiz das fraquezas forças, como lá se diz; evoquei a minha pobre musa preguiçosa e desleixada e arranjei, a martello, a tradução livre e rimada da mencionada poezia, para a qual peço a indulgencia dos entendidos, mesmo, porque venho felizmente apadrinhada com a approvação do dr. Almir, como lente de francez, e com a do sr. Alfredo Assis, como inspiradissimo poeta que o é, meu distincto e estimado professor de portuguez na Escola Normal.

Com esses dois padrinhos, ousei publicar essa tradução no *Diario do Maranhão* de 4 de Julho de 1908.

Aqui vae:

QUANDO A CRIANÇA APPARECE.

Quando a criança apparece,
oh ! que ruidosa alegria !
toda a familia estremece,
toda de goso se agita,
ante a luz que se irradia
dos olhos da criancita.

Doçuras que se derramam
dos outros olhos que a veem,
dos outros olhos que a amam.

Por mais austero, mais triste,
que tenha alguém o semblante,
áquelle olhar não resiste;
é repentina a mudança;
vai-se a nuvem, num instante,
se vê surgir a criança.

A' tanta innocencia e graça,
desfaz-se da fronte o sulco,
e dôce alegria passa.

Passe junho, mez do estio;
verdejando meu solar,
ou novembro, mez do frio,
quando á chamma do fogão,
vae a gente se sentar,
em séria conversação,

Quando a criança apparece,
oh ! que alvoroço ! a mamã
ao vel-a andar, estremece.

Nós, em conversa tratamos,
por vezes da Patria e Deus,
(emquanto a chamma ateamos)
dos poetas e das almas,
que se elevam até os céos,
em preces meigas e calmas...

Mas, a criança apparece...
adeus austera conversa,
acaba em risos, fallece.

E' tão bello ! que doçura,
em tudo tem a criança,
tudo quer ver e procura,
e em toda a parte começa
falando o que a lingua alcança,

chorando e rindo depressa.
Sua alma, tenra assucena,
volve-se à vida, e aos beijos
volve-se a bocca pequena.

Livrai-me, Senhor, e áquelles
que amo, paes e amigos,
nunca esse mal venha a elles;
Livrai de tal dissabor
os meus proprios inimigos:
que nunca vejam, Senhor:

Gaiola sem avesinhas,
junho sem flôres vermelhas,
um cortiço sem abêlhas,
e casa sem criancinhas.

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO